



## **Foco no personagem: apontamentos sobre as práticas jornalísticas a partir do trabalho de Eliane Brum<sup>1</sup>**

Cezar Macedo BARROS<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### **RESUMO**

Este artigo é um esboço da ideia inicial de discutir o texto jornalístico e a relação dos jornalistas com as fontes, propondo uma troca harmônica e preocupada com o respeito à dignidade e intimidade das pessoas. Para isso, lanço mão de discutir a função informativa do jornalismo e me proponho a discutir o esforço que a jornalista Eliane Brum empreendeu na coluna ‘A vida que ninguém vê’, transformada em livro, como coletânea de reportagens. Discuto também a relação entre produção jornalística diária e elaboração de uma reportagem em profundidade, conhecida como livro-reportagem. A proposta que trago é de que o livro-reportagem permite uma relação mais cuidadosa, uma vez que possui condições de produção diferenciadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo literário; livro-reportagem; perfis.

### **1. Introdução**

O jornalismo tem a importante função de informar à sociedade sobre o que acontece no mundo, com precisão e velocidade e de acordo com os chamados critérios de noticiabilidade. Porém, muitas vezes, a busca desenfreada pelo novo e pelo raro, que costuma despertar o interesse da massa, ofusca o brilho de grandes histórias escondidas nos recônditos infinitos da sociedade e mostra realidades isoladas, que propiciam a criação de imagens deturpadas.

Costumeiramente, no dia-a-dia das redações de jornais, a incessante busca por material noticioso que vende faz com que as grandes reportagens, capazes de oferecer percepções mais claras da realidade, diminuam em quantidade e qualidade. O resultado é um noticiário superficial, sem aprofundamento, cujo impacto na recepção da mensagem pode ser danoso à sociedade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Jornalista da Rádio Universitária FM/UFRN. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: cezarbarros13@gmail.com



A jornalista Eliane Brum, no livro *A vida que ninguém vê*, discute a necessidade dos repórteres olharem para o conjunto completo de uma realidade e, em meio ao conjunto, enxergar algo que não costuma ser visto. Ela defende o exercício do olhar. Em suas palavras: “(...) o olhar é o mesmo, é o que se recusa a enxergar apenas o que está programado, o que está na superfície” (BRUM, 2006, p. 189).

Olhar para realidades próximas com sensibilidade deve ser papel de qualquer jornalista que se proponha a descrever a vida real. O olhar deve estar sempre aguçado para o que não se expressa com palavras, mas por meio de gestos, sorrisos e lágrimas. O faro jornalístico tão propalado deve se unir ao olhar jornalístico para que seja possível retratar com mais completude cada cenário.

Na busca de uma visão holística acerca de um cenário, encontram-se histórias de vida, que podem ser relatadas, possibilitando ao receptor construir sua própria imagem daquele ambiente. A história de vida é resultado do processo a que alguém foi submetido e isso possibilita novos olhares sobre o cenário, auxiliando assim a construção de uma visão de mundo mais robusta, pois além da objetividade costumeira do jornalismo, têm-se as subjetividades dos repórteres muitas vezes ocultadas.

Os livros-reportagem surgem possibilitando ao leitor o que ele não tem a oportunidade de ver na correria diária dos jornais e magazines. É o livro-reportagem o suporte que o próprio jornalismo reencontrou para descrever com precisão e amplitude um cenário. O gênero, que passeia entre o jornalismo e a literatura, usa mão de uma linguagem literária e livre, que nem sempre é permitida no texto veiculado nos folhetins.

Há algumas décadas, pesquisadores começaram a levantar o embate entre notícia e reportagem. Em outro momento, entre reportagem e grande reportagem. E a discussão sobre a extensão em tamanho e em profundidade do texto jornalístico perde o espaço quando se aplica à realidade cotidiana das empresas de comunicação.

O livro *A vida que ninguém vê* é o ponto de partida desta pesquisa. Olhando para o trabalho feito pela jornalista Eliane Brum, muitos temas vêm à tona. A comunicação enquanto ciência já começou a perceber que a função social do jornalismo de informar com responsabilidade passa, entre tantos caminhos, pelo exercício do respeito às fontes. É a partir desse pressuposto que essa pesquisa nasce querendo discutir a função social do livro-reportagem.

Essa função atravessa diversos temas ligados ao jornalismo, dentre eles a



humanização do jornalismo. A preocupação e o respeito com aquele que é entrevistado é o que motiva a pesquisa que pretende discutir como o jornalismo, ainda que o cotidiano, tem condições de fazer diferente. A redação do texto jornalístico deve estar preocupada com a individualidade das pessoas e com as consequências que podem advir de um texto que retrata a vida de alguém.

A partir da percepção que Eliane Brum tem de seus perfilados no referido livro, será discutida a relação do jornalismo e sua humanização com o modo de fazer conteúdo. A reflexão que se pretende levantar é acerca de como a produção de conteúdo pode ser diferenciada na medida em que respeita o sujeito.

## **2. A prática profissional**

Partindo da premissa de que o jornalismo tem uma função importante na construção das realidades sociais, percebe-se a necessidade de que esse mesmo jornalismo esteja preocupado com o bem-estar comum e com a propagação do respeito pelo outro. Essa preocupação com a humanização da produção jornalística passa, sobretudo, pelo olhar diferenciado do profissional em relação às suas fontes.

A empatia gerada entre o repórter e suas fontes é enigmática e carregada de subjetividades, pois os dois foram submetidos a histórias de vidas completamente diversos e essa submissão proporcionou uma expectativa diferente em relação ao momento da entrevista. A entrevista, por sua vez, é um momento que não se limita ao que é dito e extrapola os mais variados elementos comunicativos, como a expressão facial, os movimentos e a direção dos olhares.

Esse conjunto de signos dá ao entrevistador uma visão mais ampla do seu entrevistado e possibilita, a partir disso, ultrapassar, com a linguagem verbal, aquilo que não foi dito, mas foi sentido. Essa preocupação é percebida no trabalho desenvolvido pela jornalista Eliane Brum, em especial nos livros *A vida que ninguém vê* e *O Olho da Rua*, que compilam uma série de reportagens cujos personagens, eminentemente humanos, tiveram suas histórias retratadas. O destaque no trabalho de Brum está no enfoque humanista de seus textos.

Esse destaque não pode passar despercebido pela ciência da comunicação. Utilizando-se de uma linguagem própria do novo jornalismo, a repórter perfilou muitas pessoas com o devido cuidado de não ser agressiva, utilizando-se, para tanto, de uma



capacidade de compreensão do outro.

Nesse ínterim, a proposição de um jornalismo humanizado é inevitável e deve partir de uma reflexão completa da função social da comunicação.

O modo de produção em jornalismo precisa ser estudado à luz das teorias sobre trabalho, considerando que a redação de um texto, uma reportagem, precisamente, que também é precedida por apuração adequada requer cuidados e formas de análise que deem destaque à humanização desse trabalho.

## **2.1 O perfil como caminho para um tratamento diferenciado**

A palavra “perfil” fora do contexto em que se insere este trabalho pode representar um ângulo no qual alguém posa para uma fotografia. Em jornalismo, esse conceito é ampliado e se refere ao estabelecimento de características pessoais em forma de prosa, no sentido de expor um indivíduo e seu modo de viver. Trata-se de um texto, e, em consequência, uma narrativa, que pode ser “curta, tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter” (VILAS-BOAS, 2003, p. 13).

A ideia que defendo é a de que todas as pessoas podem ser perfiladas, uma vez que todo mundo tem história para contar. Todas as pessoas vivem e praticam atos que podem ser conhecidos por outros. Os perfis têm por função natural aproximar o leitor de ações humanas.

Outra característica marcante do perfil jornalístico é sua natureza autoral, pois depende essencialmente dos momentos de convivência do repórter com o perfilado. Cada momento é único. Se dez repórteres entrevistarem a mesma pessoa, serão gerados dez textos com enfoques diferentes, embora a vida do perfilado seja a mesma e ele tenha respondido às mesmas perguntas. Isso porque a impressão que o entrevistado gera no repórter é decisiva na construção do texto. Destaque-se também que o jornalista deve participar do momento com o entrevistado de maneira integral, permitindo-se que as emoções fluam com naturalidade. O repórter não deve ser frio e distante da história que está para contar.

Os periódicos, principalmente as revistas, costumam ter em suas edições perfis jornalísticos de celebridades, jogadores de futebol, políticos, artistas e de demais pessoas que já façam parte do agendamento noticioso da mídia. É raro notar a presença



desse tipo de reportagem com pessoas desconhecidas, às quais deveriam gerar maior proximidade com o leitor, que pode mais facilmente se sentir atraído por uma história de vida parecida com a sua.

Segundo Vilas-Boas (2003, p. 14), os perfis cumprem um papel importante de gerar empatias. Em suas palavras:

Empatia é a preocupação com a existência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor.

A empatia proporciona um autoconhecimento para o repórter e para o leitor. A tarefa do repórter ao perfilar uma pessoa, principalmente desconhecida, como se propõe o trabalho de Eliane Brum, é fazer com que os leitores se percebam dentro das histórias de vida narradas. O perfil é um texto que não tem função de descrever detalhadamente cada momento da vida de uma pessoa, mas deve utilizar-se de fragmentos da história para compreender que a personalidade advém do processo histórico a que o sujeito foi submetido.

Em busca de um conceito mais amplo para o gênero perfil, Vilas-Boas (2003) elenca conceitos de outros autores: 1) biografia de curta duração, de Steve Weinberg; 2) reportagem narrativo-descritiva de pessoa, de Oswaldo Coimbra; e 3) texto que enfoca o protagonista de uma história (a de sua própria vida), de Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari.

As ciências sociais propõem uma expressão mais aberta e abrangente e denomina os perfis como histórias de vida. “Essa modalidade dá atenção total ou parcial às narrativas sobre as vidas de indivíduos ou de grupos sociais, visando **humanizar** um tema, um fato ou uma situação contemporânea.” (VILAS-BOAS, 2003, p. 16-17, ênfase nossa). Essa concepção é a que mais se coaduna à esta proposta, que busca compreender a humanização do trabalho jornalístico nos relatos e discutir a necessidade do olhar aguçado para a vida dos entrevistados.

Algo que não pode ser esquecido pelos repórteres que se propõem a trabalhar com perfis é que o personagem é o ponto central do texto. Devem-se ater à história completa e não procurar palavras, gestos e cenários para preencher lacunas. O jornalista que redige perfis não deve ter um modelo pronto esperando apenas pedaços



que se encaixem nos espaços vazios. Essa prática é bastante comum em alguns gêneros jornalísticos. O repórter costuma perguntar aquilo que está precisando para colocar no meio do texto, como uma frase de efeito, por exemplo. No perfil, não se deve pensar desta forma, pois o processo de produção de uma história de vida é bem mais complexo.

O repórter que produz perfis não pode esquecer que a expressão dada por um entrevistado é resultado da fase que está passando, e que, algumas vezes, ele pretende ocultar. O jornalista deve estar bem atento a cada movimento do seu entrevistado, pois eles, por si só, já emitem alguma comunicação importante para o que deve ser redigido.

## **2.2 Na seara da reportagem**

A reportagem é o grau máximo de expressão da prática jornalística. É um método que exige profundidade. É a busca incessante de informações não-superficiais capazes de esclarecer um fato ou situação. A reportagem é o gênero jornalístico que interpreta o cotidiano e possibilita ao interlocutor maior conhecimento sobre determinado assunto. Para tanto, não deve prescindir de elementos discursivos capazes de atrair atenção. O texto interpretativo não está engessado no factual, mas observa a situação holisticamente.

Para que o jornalismo desempenhe esse papel de analisar e informar com profundidade, as empresas de comunicação precisariam dedicar maior atenção e dispensar recursos mais vultosos ao processo de apuração das informações. Porém, o que acontece rotineiramente é o desvio da atenção dos veículos para o imediato, para aquilo que é noticiado rapidamente, medido em centímetros, sem o compromisso real com a análise dos fatos. Quando o assunto gera desdobramentos, as atenções retornam para o tema, com a edição de matérias em formato suíte.

Diante desse panorama corriqueiro do jornalismo, surge um veículo capaz de transpassar a rotina do dia-a-dia, que analisa em profundidade um tema ou fato social: o livro-reportagem, que, na concepção de Lima (2009, p. 26), “é o veículo de comunicação impressa, não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos” e, como todo produto jornalístico, o livro-reportagem está comprometido com o real, o verdadeiro.



Uma concepção mais simplista de livro-reportagem o aponta como “apenas uma reportagem, passível de empregar exatamente o mesmo padrão técnico e de conduta, como se fosse publicada em qualquer outro meio de informação” (BELO, 2006, p. 41).

Essa noção, embora reducionista, indica que o livro-reportagem vem a ser uma reportagem, o que de fato é. Este formato possibilita o emprego dos diversos métodos de apuração de uma reportagem comum, para um suporte que exige maior aprofundamento, o qual pode se dar por quantidade de informações ou por análise mais detalhada das circunstâncias.

Belo (2006, p. 42) afirma que “a concepção de livro-reportagem requer informação capaz de superar as barreiras do imediato e do superficial, de modo a fazê-lo permanecer como objeto de interesse por muito e muito tempo”. A assertiva remete à necessidade do jornalista que envereda pela reportagem em livro de elaborar material capaz de permanecer por algum tempo como referência sobre determinado assunto.

Essa concepção não dispensa o relato do que é efêmero. Um dos melhores estudos acerca do livro-reportagem aponta que:

O efêmero lhe é inerente, a superficialidade é uma condição que pode e deve ser combatida, sempre que possível. O livro-reportagem é o instrumento que ataca essas duas circunstâncias sem perder o cumprimento da tarefa de tradução das realidades para o patamar médio que combina cultura erudita, cultura popular e cultura de massa, linguagem coloquial e linguagem formal. (LIMA, 2009, p.41)

Mesmo não estando comprometido com o jornalismo factual, diário, o livro-reportagem “complementa a imprensa cotidiana, no que se refere à universalidade” (LIMA, 2009, p. 49). Pode servir para esclarecer ou para detalhar casos tratados pela imprensa diária, justamente por não encontrar espaço nesta para aprofundamento. No Brasil, livros-reportagem já foram editados com esse propósito, a exemplo de *Rota 66 – a história da polícia que mata*, do jornalista Caco Barcellos.

O estudo do professor Edvaldo Pereira Lima sobre livros-reportagem entende que o gênero jornalístico em questão “estende a função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano uma vez que cobre os vazios deixados pela imprensa, e amplia, para o leitor, a compreensão da realidade” (LIMA, 2009, p. 61). O que se depreende é que o livro-reportagem tem a benesse de flexibilizar as pautas comuns do jornalismo cotidiano, de modo a cobrir ângulos e métodos diferenciados.

A apuração da reportagem em livro é diferenciada daquela realizada no dia-



a-dia de redações de jornais ou revistas. Isso permite ao repórter um método próprio de trabalho. Percebe-se que a possibilidade de experimentação no livro-reportagem é bem maior do que em outros veículos de comunicação. A não-periodicidade e a flexibilidade são elementos que dão ao repórter maior liberdade de trabalho. Lima (2009) afirma que, no livro-reportagem, tem-se liberdade temática, liberdade de angulação, liberdade de fontes, liberdade temporal, liberdade de eixo de abordagem e liberdade de propósito.

No caso dos perfis, não se pode esquecer que o material analisado é puramente humano e vivo, capaz de apresentar sensações, sentimentos, pensamentos, reações e inteligência suficientes para forjar situações em que o repórter pode ser enganado. A perspicácia do jornalista deve estar aguçada ao trabalhar com este gênero.

Quando se reportam perfis, é necessário esquecer o caráter acelerado do jornalismo e adentrar a histórias marcadas por emoções. A jornalista Eliane Brum, autora do objeto desta pesquisa, confessa no livro *O Olho da Rua* (2008), que, por vezes, na empolgação para contar histórias em detalhes, esqueceu de analisar o impacto que a descrição poderia causar na vida dos reportados. A partir desse comentário, entendemos que a humanização do relato passa pelo respeito às dores e particularidades de cada um.

Mesmo respeitando a individualidade do entrevistado, porém, é possível atingir o objetivo do perfil: “a descoberta compreensiva do universo, por vezes misterioso, às vezes exuberante, nem sempre comum, de um ser humano, sempre um espelho de das possibilidades disponíveis a toda a espécie” (LIMA, 2009, p. 114).

### **3. As práticas sociais**

A pesquisa sobre humanização do jornalismo a partir dos livros-reportagens, tomando como ponto de partida o livro “A vida que ninguém vê” coaduna-se aos estudos das práticas sociais em comunicação e em jornalismo, porque o estudo surge de uma perspectiva em que os meios de comunicação exercem influência basilar na construção de uma sociedade e que a partir da abordagem dada aos textos produzidos para os veículos de comunicação, os receptores apreendem de forma mais humanizada ou mais severa determinado tema.

A partir de uma abordagem mais humanista da realidade, é possível propor à sociedade reflexões e necessidade de mudanças, sem contudo transformar determinado



cenário em um ambiente hostil.

Fatos sociais como a eclosão dos protestos que movimentaram a sociedade ao longo de todo o país durante os meses de junho e julho de 2013, tendo como expoente a “revolta do ônibus”, foram noticiados exaustivamente em todos os veículos de comunicação e cada nova possibilidade de manifestação, quer seja pacífica ou rebeladora, transforma-se em suítes jornalísticas nos meios de comunicação. O enfoque dado por cada empresa de comunicação atua diretamente na formação de criticidade do público espectador. O que se viu durante o período de ápice dos protestos foi uma quantidade intempestiva de reportagens de cunho pejorativo para o movimento. Os participantes das manifestações foram, via de regra, encarados como vândalos e desocupados que lutavam sem causa específica.

O papel da mídia enquanto condicionante e formadora do pensamento social é percebido em qualquer reportagem veiculada, especialmente nas grandes reportagens, como é o caso dos livros-reportagens, que têm por objetivo retratar algo com maior liberdade de angulação que a imprensa cotidiana. As veiculação de informações sobre as manifestações populares de 2013 são apenas um exemplo de como o jornalista/repórter deveria estar mais preocupado com o respeito às fontes que defendemos.

#### **4. A vida que ninguém vê**

O livro-reportagem “A vida que ninguém vê”, da jornalista Eliane Brum é uma coletânea de reportagens que ela escreveu para uma coluna de título homônimo, do jornal gaúcho “Zero Hora”, cujo objetivo era trazer à tona acontecimentos que não são costumeiramente noticiados. O livro reúne 23 histórias, sendo duas delas a um retorno da autora às histórias contadas, a fim de saber como estavam aquelas pessoas que outrora abordou.

As histórias contidas nas narrativas de Eliane Brum retratam perfis de pessoas que estão localizadas, muitas vezes, à margem da sociedade. Entre os perfilados estão carregador de malas de um aeroporto, mendigo, colecionador de objetos velhos, criança que pede dinheiro no trânsito, doentes, pessoas com problemas mentais, dentre outros. Ela também conta as histórias de pessoas que são conhecidas por outro grande número de pessoas por possuírem características peculiares, por vezes grotescas. O



interessante do trabalho dela está na busca dela para conhecer aquelas histórias e contá-las, aproveitando algo que não está apenas visível no primeiro contato.

A coluna do jornal gaúcho era publicada aos sábados. Ao total, foram 46 textos em aproximadamente 11 meses.

No prefácio do livro “A vida que ninguém vê”, o editor-chefe do jornal Zero Hora na época em que a coluna foi lançada, Marcelo Rech, destaca que o trabalho e o talento da jornalista Eliane Brum merecem destaque e investigação científica. Ele descreve ainda que o trabalho dela para reportar as histórias de vida passavam, sobretudo, pela confiança que passava às fontes. O principal desafio apontado por Rech é que a repórter, bastante afeita a grandes e detalhados textos, teve, na coluna, de limitar suas colunas ao espaço permitido para um jornal diário.

Achei interessante transcrever um trecho do livro em que a própria jornalista conta sobre uma de suas experiências quando escrevia para a coluna do Zero Hora:

Em 1999, ao trilhar as ruas de Porto Alegre, pelas quais tantas vezes eu tinha andado, o desafio era pisar sobre as mesmas pedras, mas de outro lugar. Não é um truque banal, é uma alteração do foco que se faz em apenas um segundo e uma inclinação de alguns centímetros do pescoço, mas que resulta avassaladora. Um exemplo. O mendigo da Rua da Praia, estatelado no chão, barriga sobre a lage, havia 30 anos. Não sei quantas passei por ele com pena e culpa. *A vida que ninguém vê* me impôs - e não foi fácil - curvar o pescoço, me agachar e colocar meus olhos no mesmo plano dos olhos dele. Dessa posição de igualdade, pude enxergá-lo. Bastou olhar para baixo para que Sapo pudesse me contar como era olhar para cima. (BRUM, 2006, p. 189, ênfase da obra)

#### **4.1 Eliane Brum**

O perfil da jornalista Eliane Brum no Portal dos Jornalistas narra um pouco da trajetória dela, que resumo aqui apenas para ilustrar e situar, para os que não conhecem o trabalho dela. Nasceu em 1966, no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de Ijuí. Antes de cursar jornalismo, ela prestou vestibular para biologia, informática e iniciou a graduação em história. Depois que iniciou o curso de comunicação social, manifestou interesse em desistir da área, mas foi convencida por um de seus professores a continuar na área.

Durante sua infância, sempre gostou da leitura, embora não simpatizasse com os jornais, porque não “tinha gente”. Estagiou no jornal Zero Hora em 1988, ano em que concluiu a graduação em jornalismo. Permaneceu como repórter do diário



gaúcho por aproximadamente 11 anos. Depois, foi trabalhar na revista *Época*, em São Paulo, onde teve a oportunidade de escrever grandes reportagens. Algumas dessas também foram compiladas também foram compiladas no livro “O Olho da Rua”. Seus textos eram publicados na revista semanal. Desde 2009, passou a escrever apenas para o site da publicação, às segundas-feiras, até meados de 2013. Paralelamente, escreveu para o site *Vida Breve* e atualmente é colunista do Portal *El País*.

Ao longo de sua carreira, já publicou os seguintes livros:

- *Gotas da minha infância* (escrito aos 11 anos);
- *Coluna Prestes: o avesso da lenda* (1994, Editora Artes e Ofícios);
- *A vida que ninguém vê* (2006, Arquipélago Editorial);
- *O olho da rua* (2008, Editora Globo);
- *Uma Duas* (2011, Editora LeYa, romance);
- *A menina quebrada e outras colunas* (2013, Arquipélago Editorial)

Também participou da elaboração de dois documentários:

- *Uma história Severina* (2005);
- *Gretchen Filme Estrada: a última turnê e a primeira campanha política da rainha do rebolado* (2010).

É casada e possui uma filha.

Em uma entrevista ao Programa *Edição Extra*, ela fala sobre a carreira e conta como procede na elaboração das reportagens. O vídeo está disponível no site YouTube.

Uma dissertação do Programa de Pós-graduação em Comunicação Midiática da UNESP (MARTINS, 2010) estuda o jornalismo literário a partir da produção de Eliane Brum e faz a descrição de sua carreira, além de analisar a presença de elementos próprios da forma de narrar da literatura nos textos de Eliane Brum.

## **5. Considerações Finais**

O que defendo nesse trabalho é o exercício diferenciado do olhar. “ (...) um recorte temático diferente do pautado tradicionalmente pelo jornal, a intenção de olhar de que forma o pequeno, o esquecido, o que ninguém vê representa o totalidade, o



universal da condição humana” (MARTINS, 2010, p. 72).

Olhar para realidades próximas com sensibilidade deve ser papel de qualquer jornalista que se proponha a descrever a vida real. O olhar deve estar sempre aguçado para o que não se expressa com palavras, mas por meio de gestos, sorrisos e lágrimas. O faro jornalístico tão propalado deve se unir ao olhar jornalístico para que seja possível retratar com mais completude cada cenário.

Conhecer as idiossincrasias e se sensibilizar com as realidades particulares de cada perfilado não é tarefa fácil. Mais delicado ainda é relatar com fidelidade e respeitando o que não fosse necessário expor, uma vez que poderia mexer em feridas ainda não cicatrizadas.

No livro “O Olho da Rua”, Eliane Brum conta que, por vezes, na empolgação para contar histórias em detalhes, esqueceu de analisar o impacto que a descrição poderia causar na vida dos reportados. Por fim, reforçamos que a humanização do relato passa pelo respeito às dores e particularidades de cada um.

### **Referências bibliográficas**

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri-SP: Manole, 2009.

MARTINS, Lilian Juliana. **Aproximações entre jornalismo e literatura no debate sobre a crise do jornal: o caso de Eliane Brum**. 101 f. Trabalho de Conclusão (Mestrado em Comunicação Midiática), Unesp, Bauru, 2010.

PORTAL DOS JORNALISTAS. **Eliane Brum**. Disponível em: <http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=9674>. Acesso em 10 mar. 2014.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

YOUTUBE. **Perfil: Eliane Brum - edição extra**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_YfZslWxXNo&feature=related](https://www.youtube.com/watch?v=_YfZslWxXNo&feature=related). Acesso em 10 mar. 2014.